

OS RESULTADOS PRELIMINARES DO 11.º RECENSEAMENTO
DA POPULAÇÃO *

As tendências demográficas verificadas na década de 1950-1960 mantiveram-se e acentuaram-se durante a década seguinte, como evidenciam os resultados do apuramento preliminar do 11.º Recenseamento da População: a oposição da faixa litoral, que se estende de Setúbal a Braga, ao resto do país é agora mais forte.

Os elementos já divulgados do recenseamento de 1970 ⁽¹⁾ mostram três grandes conjuntos de territórios no que concerne à dinâmica demográfica: 1) as áreas fortemente atractivas de Lisboa e, em menor escala, do Porto; 2) a área, próxima do litoral, intermédia entre aquelas duas cidades e alguns concelhos não muito afastados do litoral ou daquelas cidades, em que se observou estagnação ou ligeiros acréscimos ou decréscimos populacionais; 3) o restante território do país, onde a diminuição da população foi bastante forte, na maior parte dos casos superior a 15 p. 100. A nível de concelho, as excepções àqueles três grandes conjuntos são em número reduzido: o concelho do Entroncamento registou um aumento significativo (33 p. 100), o que se deve a um fenómeno de urbanização-industrialização pontual, pois a área do concelho é diminuta, ultrapassando em pouco a aglomeração urbana, e, provavelmente, a um surto da população militar; o acréscimo de 40 p. 100 verificado no concelho de Vila Nova da Barquinha explica-se sobretudo pela dinâmica populacional da freguesia de Praia do Ribatejo (+ 68 p. 100), que corresponde ao aumento dos efectivos militares do Polígono de Tanccs, embora também tivesse influenciado o crescimento da freguesia da Atalaia (+ 24 p. 100), próxima do Entroncamento, beneficiando, portanto, com o desenvolvimento desta vila; o pequeno acréscimo (1 p. 100) que se observou no concelho de Constância deve-se, em parte, à instalação próxima desta vila de um complexo fabril que travou o êxodo (a população da freguesia de Constância aumentou 5 p. 100, a que correspondem 45 indivíduos), mas sobretudo ao aumento dos efectivos militares na freguesia de Santa Margarida da Coutada, cuja população teve um acréscimo de 5 p. 100 (148 indivíduos; esta freguesia tinha, em Dezembro de 1970, 2183 homens e 821 mulheres).

A nível regional, um aspecto que fere a atenção, e terá sido surpresa para alguns, é o grande decréscimo verificado no Algarve. O distrito de Faro perdeu, entre 1960 e 1970, 44 681 habitantes (14 p. 100), tendo apenas o concelho de Portimão registado um ligeiro aumento (5 p. 100). Só os concelhos de Lagos (— 0,1 p. 100) e Lagoa (— 3 p. 100) observaram decréscimos inferiores a 6 p. 100 (caso de Vila Real de Santo António).

(*) ANA MARIN colaborou na análise dos elementos estatísticos da presente nota e respectiva cartografia.

(1) *Portugal, 11.º Recenseamento da População, 1970. Dados Preliminares*, Instituto Nacional de Estatística, 103 pp., Lisboa 1971.

Ao longo da faixa litoral, compreendida entre Esposende e Setúbal, apenas o concelho de Murtosa teve um decréscimo superior a 25 p. 100; de uma maneira geral, os concelhos que perderam mais população (25-47 p. 100) localizam-se muito para o interior (dos 46 concelhos naquelas circunstâncias 17 são fronteiriços, e somente 5 não estão em contiguidade territorial com estes). No entanto, além dos casos apontados (concelhos do Entroncamento, Vila Nova da Barquinha e Constância), verificam-se alguns acréscimos pontuais, a nível de freguesia ou grupos de freguesias urbanas ⁽²⁾, nalguns concelhos do interior que registaram fortes decréscimos populacionais. Em muitos casos trata-se de fenómenos locais de urbanização, que correspondem frequentemente às capitais de distrito ou aglomerações urbanas de relativa importância. Passamos a enumerar alguns exemplos ⁽³⁾: no concelho de Beja, que tem um decréscimo de 12 p. 100, as freguesias urbanas de Santiago Maior e de S. João Baptista registaram um aumento de 4 p. 100 e 41 p. 100, respectivamente, mas já as outras duas freguesias urbanas perdem 3 p. 100 e 9 p. 100; em Bragança, enquanto o concelho perde 9 p. 100 da população e várias freguesias tiveram decréscimos superiores a 30 p. 100, nas freguesias urbanas de Santa Maria e Sé observaram-se acréscimos de 17 p. 100 e 34 p. 100; no concelho de Macedo de Cavaleiros, que teve uma diminuição de 18 p. 100, a freguesia correspondente à vila sede de concelho tem um aumento de 5 p. 100; no concelho de Castelo Branco, com um decréscimo de 11 p. 100, a freguesia urbana teve um acréscimo populacional de 21 p. 100; no concelho da Covilhã (—15 p. 100) as freguesias urbanas de Conceição, Santa Maria e S. Martinho aumentaram respectivamente 11 p. 100, 9 p. 100 e 1 p. 100; no concelho de Évora (—6 p. 100) a freguesia urbana da Sé regista um acréscimo de 16 p. 100, enquanto as restantes freguesias têm decréscimos elevados (entre 9 p. 100 e 33 p. 100), incluindo as três freguesias da cidade, intramuros; embora em menor escala, o caso de Silves é semelhante, pois se o concelho perdeu 18 p. 100 da população, a freguesia urbana aumentou 6 p. 100; na Guarda, a freguesia urbana da Sé teve um surto demográfico de 37 p. 100, mas a outra freguesia urbana perdeu 36 p. 100 e o total do concelho 16 p. 100; em Seia, cujo concelho decresceu 8 p. 100, a freguesia correspondente à vila sede viu a sua população aumentada de 21 p. 100; também na cidade de Elvas se verifica um crescimento demográfico da freguesia onde se processa com maior intensidade a expansão urbana, enquanto a freguesia da parte antiga da aglomeração perdeu população; o mesmo fenómeno se operou em Portalegre, embora num ritmo menos intenso, pois na freguesia da Sé, a única que registou aumento populacional, o acréscimo é apenas de 4 p. 100; Tomar é outra cidade do interior com algum poder atractivo, ou pelo menos de retenção da população, pois embora o concelho tenha perdido 5 p. 100 do efectivo demográfico,

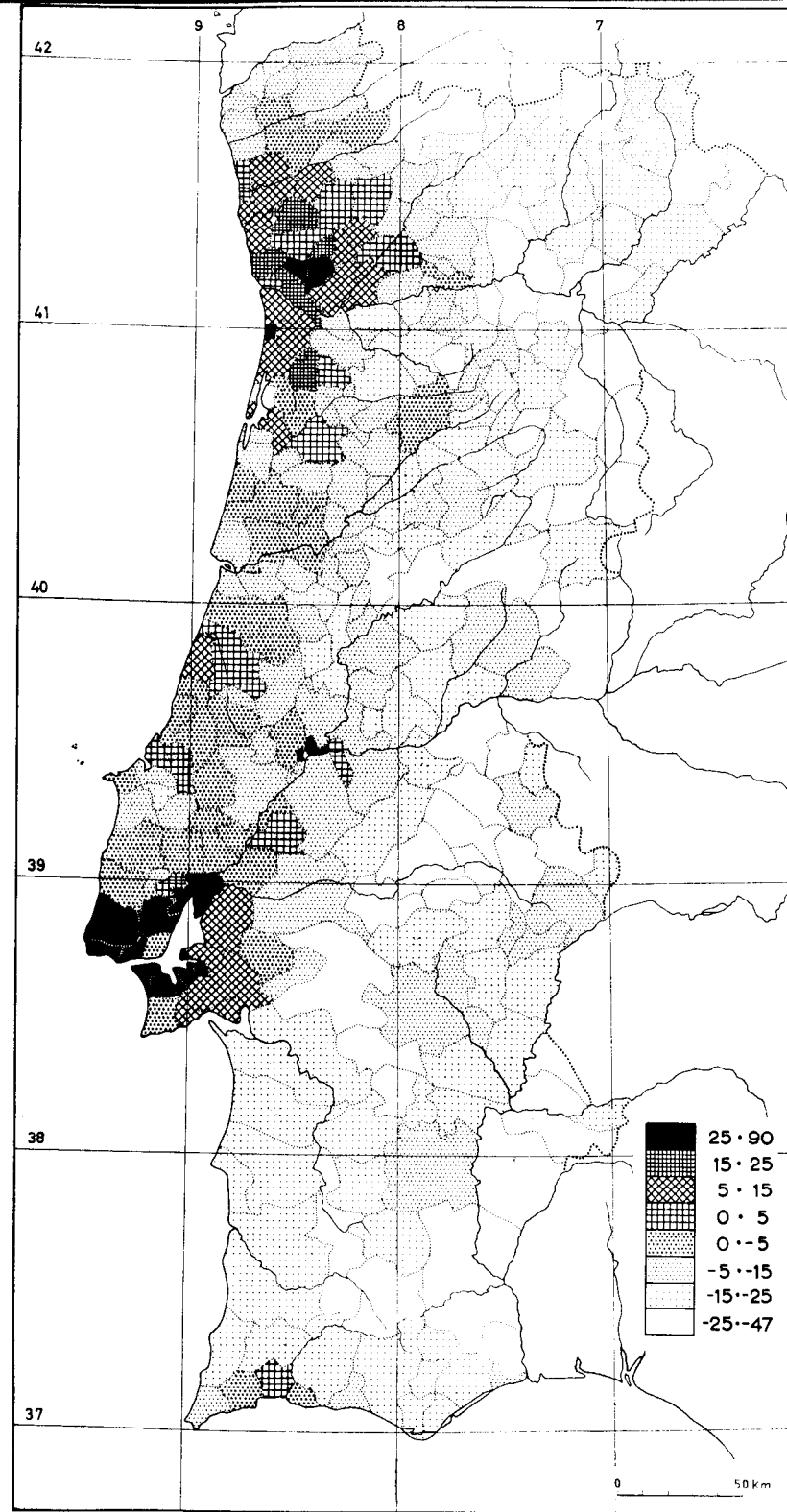
⁽²⁾ Consideram-se freguesias urbanas aquelas que incluem na totalidade ou em parte um sector de aglomeração urbana.

⁽³⁾ Estes exemplos estão dispostos pela ordem alfabética dos distritos, pois não se encontrou qualquer tendência regional ou quantitativa que justificasse outra organização.

as duas freguesias urbanas aumentaram 24 p. 100 e 8 p. 100; na cidade de Vila Real, cujo concelho teve um decréscimo populacional de 7 p. 100, observou-se o que já referimos para outras cidades em que se opõe a uma parte nova outra antiga (das três freguesias urbanas, uma perde 12 p. 100 e as outras ganham 1 p. 100 e 119 p. 100); aconteceu de forma semelhante na cidade de Viseu — a freguesia de Santa Maria perdeu 7 p. 100, enquanto as de S. José e de Coração de Jesus aumentaram 3 p. 100 e 52 p. 100.

Também em vários concelhos do litoral, onde se verificaram decréscimos populacionais, se registam casos de tendências positivas nos centros urbanos. Assim, enquanto o concelho da Figueira da Foz perdeu 7 p. 100 da população entre 1960 e 1970, a freguesia urbana de S. Julião teve um acréscimo de 5 p. 100 (572 habitantes); todavia, se incluirmos Buarcos na aglomeração urbana da Figueira, verifica-se um decréscimo, já que a freguesia que inclui aquela vila perdeu 24 p. 100 (1699 habitantes) da sua população; Peniche constitui outro caso nestas circunstâncias — o concelho perdeu 4 p. 100, mas das três freguesias urbanas apenas a da Conceição observou decréscimo (9 p. 100, a que correspondem 309 habitantes), enquanto as freguesias de Ajuda e S. Pedro aumentaram respectivamente 24 p. 100 (1298 habitantes) e 11 p. 100 (247 habitantes); no concelho de Pombal, que perdeu 3 p. 100 da sua população, apenas se registou acréscimo na freguesia que inclui a vila sede de concelho (27 p. 100).

Outro aspecto relevante que sobressai na análise dos resultados preliminares do recenseamento de 1970 e que já se notava em 1960, embora com menor intensidade, é o da selecção dos territórios mais acessíveis aos grandes centros onde se verificou um aumento populacional, em oposição a territórios vizinhos, com reduzida acessibilidade, que observaram uma diminuição de população. Este fenómeno é particularmente nítido na periferia de Lisboa. Assim, no concelho de Mafra, que perdeu 1 p. 100 da população, é a freguesia da Malveira a que tem maior aumento demográfico (61 p. 100), o que se por um lado se deve ao desenvolvimento local, pela concentração de actividades secundárias e terciárias, por outro lado depende da grande facilidade de transportes colectivos para Lisboa, notando-se já o processo de suburbanização por parte da capital. Inversamente, no concelho de Vila Franca de Xira, que teve um aumento geral de 33 p. 100, as únicas freguesias que perderam população, Cachoeiras (15 p. 100) e Calhandriz (7 p. 100), são aquelas cujos territórios têm menor acessibilidade relativamente a Lisboa e à faixa industrial que se estende ao longo do Tejo, de Sacavém a Alhandra. Exemplo muito interessante é o da freguesia de Samora Correia, no concelho de Benavente; das 3 freguesias deste concelho apenas aquela registou aumento populacional (32 p. 100), facto que se deve ao surto de Samora Correia-Porto Alto, baseado nas facilidades de implantação de indústrias, em que avulta a grande acessibilidade à aglomeração urbana de Lisboa. Os territórios vizinhos do Porto apresentam casos semelhantes, embora



Variação da população presente, por concelhos, 1960/1970.

QUADRO I
População presente (1970) e variação 1960/1970 por distritos

Distritos	População presente — 1970	Variação 1960/1970	
		Absoluta	Porcentagem
Continente	8 124 019	— 114 284	— 1
Aveiro	546 457	24 442	5
Beja	202 193	— 66 718	— 25
Braga	617 063	23 476	4
Bragança	176 660	— 53 606	— 23
Castelo Branco	251 851	— 58 894	— 19
Coimbra	396 329	— 37 247	— 9
Evora	176 044	— 39 142	— 18
Faro	266 621	— 44 681	— 14
Guarda	212 191	— 64 279	— 22
Leiria	382 631	— 17 530	— 4
Lisboa	1 611 887	223 525	16
Portalegre	145 242	— 38 599	— 21
Porto	1 314 794	123 476	10
Santarém	435 344	— 26 777	— 6
Setúbal	464 218	89 156	24
Viana do Castelo	250 233	— 25 030	— 9
Vila Real	264 508	— 58 141	— 18
Viseu	409 753	— 67 715	— 14

QUADRO II
Variação de população (p. 100). Total de concelhos por distrito

	Aumento (p. 100)				Diminuição (p. 100)			
	> 25	15-25	5-15	0-5	0-5	5-15	15-25	> 25
Aveiro	1	2	3	2	3	7	—	1
Beja	—	—	—	—	—	1	7	6
Braga	—	1	2	3	2	5	—	—
Bragança	—	—	—	—	—	1	6	5
Castelo Branco	—	—	—	—	—	3	5	3
Coimbra	—	—	—	—	4	8	3	2
Evora	—	—	—	—	—	4	6	4
Faro	—	—	—	1	2	3	8	2
Guarda	—	—	—	—	—	2	6	6
Leiria	—	—	1	2	5	4	3	1
Lisboa	5	—	—	1	4	3	—	—
Portalegre	—	—	—	—	—	2	4	9
Porto	2	4	7	3	—	1	—	—
Santarém	2	—	1	2	5	8	3	—
Setúbal	5	—	3	—	1	—	4	—
Viana do Castelo	—	—	—	—	1	7	2	—
Vila Real	—	—	—	—	1	3	7	3
Viseu	—	—	—	—	1	8	11	4
<i>Total</i>	15	7	17	14	29	70	75	46

menos marcados e esquemáticos, o que, em parte, é uma consequência da maior dispersão das oportunidades de emprego no sector secundário.

O aspecto já referido para algumas cidades (Vila Real, Évora, Beja, Elvas, Viseu e outras), de despovoamento das freguesias correspondentes às partes mais antigas do núcleo urbano e ao crescimento de áreas novas, observa-se ainda nas cidades (ou áreas urbanas) de maior aumento populacional, como Lisboa, Porto, Aveiro, Braga. Este facto deve interpretar-se, em grande medida, como um realojamento das populações, beneficiando frequentemente de melhores condições de habitabilidade, que não encontravam nos bairros velhos. Por vezes, corresponde a um desalojamento, consequência da expansão das actividades terciárias da área central da cidade; é o que se observa em Lisboa, com as freguesias de S. Sebastião da Pedreira (— 19 p. 100) e Arroios (— 27 p. 100), que foram atingidas pela forte expansão da área central da cidade, assumindo assim um dinamismo populacional semelhante ao que já se verificara nas freguesias da Baixa.

Qualquer dos dois aspectos acima tratados pode confundir-se, na simples análise dos números, com o resultante da especulação fundiária e imobiliária, que provocando rendas de casa muito elevadas leva à procura, por parte das classes mais débeis economicamente, de habitação na periferia, por vezes em péssimas condições e longe do local de trabalho. Foi na região de Lisboa que este fenómeno tomou uma dimensão maior, sendo já sensível a uma grande escala: a cidade de Lisboa perdeu 3 p. 100 da sua população, enquanto todos os concelhos que a envolvem a norte e a sul registaram grandes aumentos, não obstante dentro dos limites administrativos da capital se encontrarem ainda muitos terrenos por ocupar.

Sem atingirem as proporções do caso de Lisboa, algumas cidades da província sentem pressões idênticas. Assim, em Guimarães todas as freguesias urbanas perderam população (Oliveira do Castelo 18 p. 100, S. Paio 0,2 p. 100, S. Sebastião 17 p. 100), enquanto várias freguesias da periferia tiveram acréscimos importantes: Azurém 30 p. 100, Brito 29 p. 100, Silvares 21 p. 100. Em Coimbra evidencia-se um processo semelhante: entre 1960 e 1970 as quatro freguesias urbanas perderam população (Almedina 16 p. 100, Santa Cruz 30 p. 100, S. Bartolomeu 50 p. 100, Sé Nova 11 p. 100), mas algumas das freguesias situadas na periferia imediata observaram acréscimo demográfico (S. Martinho do Bispo 10 p. 100, Santo António dos Olivais 3 p. 100, Eiras 20 p. 100, São Paulo de Frades 25 p. 100); contudo, no cômputo total, a cidade de Coimbra, com os subúrbios, perdeu população — no conjunto, as quatro freguesias urbanas tiveram um decréscimo de 7280 habitantes, enquanto as outras quatro apenas aumentaram, na totalidade, 2851 habitantes. Em Leiria também se observou um intenso crescimento das freguesias periféricas, embora a cidade também tivesse registado um aumento; mas o fenómeno é sensivelmente diferente, na medida em que corresponde também a uma dispersão da indústria pela área que rodeia a cidade e não apenas ao aparecimento de vários dormitórios para as

classes menos favorecidas. A população da freguesia de Leiria aumentou 20 p. 100 (1699 habitantes), ao mesmo tempo que em cinco freguesias periféricas se registaram acréscimos de 11 p. 100 a 40 p. 100, num total de 3226 habitantes.

Assim, além de um decréscimo geral da população no continente (— 1 p. 100, que corresponde a 114 284 habitantes), que tem por causa principal a emigração, verifica-se uma tendência generalizada para a concentração em núcleos urbanos ou, mais correctamente, em áreas urbanas e em urbanização. Este processo de reordenamento natural das populações é mais sensível na fuga dos campos para a área de Lisboa e também, embora em menor escala, para a área do Porto. Contudo, e apesar de não ter a dimensão que seria desejável, o fenómeno também se faz sentir em vários centros urbanos (4) de âmbito mais reduzido, tanto da faixa litoral compreendida entre Setúbal e Braga, como do resto do país. Esta tendência positiva deveria ser devidamente ponderada e orientada; de outro modo, corre-se o risco de assistir a uma fuga em massa dos pequenos núcleos urbanos para as áreas de Lisboa e do Porto, o que já se verifica, mas que poderá acentuar-se.

JORGE GASPAR

(4) Aqui, urbano não tem qualquer sentido estatístico, mas apenas funcional.